

Navios mexicanos: asilos flutuantes no Potengi

Jaime de Souza Bastos, 88, casado, mora numa rua do proletário bairro de Igapó, zona norte de Natal, é ex-aluno da Escola de Aprendizes Marinheiros de Natal e por pouco não se tornou testemunha ocular dos acontecimentos ocorridos entre 23 e 27 de novembro de 1935, período em que a capital potiguar foi controlada pelos comunistas. Não é testemunha dos episódios ocorridos em Natal, mas sabe que uma frota de seis navios de guerra da Marinha Mexicana esteve surta no estuário do rio Potengi, defronte ao cais do porto, durante vários dias e que a sua tripulação garantiu a integridade de várias pessoas, civis e militares, enquanto a cidade esteve sob domínio dos comunistas. “Quem diz ou escreve que Natal não recebeu a esquadilha de navios mexicanos é desinformado, no mínimo”, diz Jaime Bastos.

“Eu estava de férias desde o dia 15 de novembro, em Currais Novos, minha terra, que ficou totalmente desabitada quando se soube que os comunistas estavam chegando para tomar conta da região. Foi um alvoroço. Ficaram eu, o meu pai, Crisanto de Souza, meu tio José Bastos, delegado de polícia. Meu pai trabalhava na usina elétrica e recebeu ordens para desligar a energia elétrica da cidade quando o caminhão do Exército aparecesse na ponte, mas isso não aconteceu porque os comunistas foram contidos na Serra do Doutor, onde fizeram uma emboscada numas trincheiras, e, de lá, eles retornaram para Natal, derrotados. Dois dias depois seguimos para “Marcação”, sítio do meu avô, com toda a minha família. Eu fiquei dois dias na cidade com José Bastos e a polícia. Os presos arrombaram a grade da cadeia e fugiram... aquela história de que os comunistas iam chegar, etc, e eles foram embora. Era Otacílio, outro apelidado de Zé Lampião. Quanto foram procurar os presos, Otacílio resistiu e a polícia matou.

Mas os navios mexicanos permaneceram vários dias no rio Potengi porque os meus companheiros de farda me contaram os ocorridos aqui, pois os alunos da Escola de Aprendizes Marinheiros também se asilaram nesses navios, espécies de “destróieres” durante o governo comunista. Eu tinha 17 anos e somente retornei a Natal em fevereiro de 1936, quando as coisas estavam normalizadas”, acrescentou Jaime Bastos, ex-combatente da FEB e funcionário aposentado do Ministério da Justiça.

Lúcido, sr. Jaime Bastos, sobrinho do “famoso” delegado de polícia, tenente José Gomes de Souza Bastos, foi marinheiro da Marinha Brasileira durante todo o período da II Guerra Mundial, sempre trabalhando em convés de navios. Depois da guerra foi trabalhar na recepção do Ministério da Justiça, onde viu, ouviu, observou e testemunhou muitos casos, episódios, relatos e coisas importantes, mas prefere não falar sobre o passado. Após o golpe de estado de 1964, ele foi chamado por um oficial do Exército para falar sobre o que os funcionários graduados do MJ falava. Ele era chefe da recepção e, cabreira e sabiamente, disse que não sabia de nada, não viu nada, não ouviu nada. Deu uma de Lula. Tô fora. “E eu sou doido? Eu lá iria dedurar os meus colegas... Trabalhei como último ministro da Justiça de João Goulart, o dr. Abelardo Jurema, um paraibano, gente boa. Naqueles dias houve o suicídio de um rapaz que trabalhava no gabinete do ministro, parece que chefe de gabinete. Ele pulou do prédio. O caso foi pouco divulgado”, relembra o velho marinheiro.

O depoimento de Jaime de Souza Bastos, que inocenta a participação do tio na chacina de vários comunistas que estavam presos na delegacia de Currais Novos, após o tiroteio na Serra do Doutor, planejado e executado por chefes integralistas da região Seridó, é importante para a recuperação de parte de nossa história, tendo em vista que no Rio Grande do Norte ainda se publica muitas inverdades sobre os acontecimentos de novembro de 1935, inclusive livros com trechos que são resultados de delírios, destinados aos jovens, e, pior, com o “objetivo” de resgatar a cultura popular potiguar.

Luiz Gonzaga Cortez Gomes é jornalista e pesquisador.



www.dhnet.org.br